



As Mudanças na Recepção a Partir das Tecnologias: do Livro Impresso ao Eletrônico.¹

Theane Neves Sampaio Martins²
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão inicial sobre as mudanças a partir da introdução da tecnologia na cultura ocidental, mais precisamente no aparecimento da escrita, e suas conseqüências para a cognição e sentidos humanos. Também pretende relacionar as mudanças e adaptações da cultura escrita com o advento do computador. Percebe-se que as novas tecnologias promovem a reconfiguração das narrativas, abalando os lugares fixos compostos tanto pela posição canônica do autor, quanto da própria literatura e da escrita como produção de verdade. Embora haja um entendimento de que a produção de sentido é dada nas práticas sócio-culturais do indivíduo, a perspectiva ecológica da mídia e a materialidade dos meios são essenciais para entender as mudanças na percepção que constroem novas formas de ser, estar e se relacionar com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Novas Tecnologias; Livro Impresso; Leitura em ambiente digital; Recepção.

1. Introdução

Diante do atual contexto de globalização, no qual as tecnologias de comunicação e informação se articulam com o capitalismo, percebe-se que novas configurações sociais, econômicas e culturais estão sendo produzidas. Essa relação da tecnologia a um projeto de sociedade sempre ocorreu.

De acordo com José Carlos Rodrigues (2006) o ocidente construiu um mito fundador segundo o qual é a partir da técnica que a humanidade sai da sua condição de inferioridade em relação aos outros animais, evoluindo e afirmando a sua supremacia. Essa ideia coloca a razão como a salvação do ser humano de uma vida de privações, naturalizando a tecnologia e o modo de vida burguês.

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do Curso de Comunicação da PUC-RIO, email: theane.sampaio@gmail.com.br.



A naturalização da técnica como um processo evolutivo traz o perigo de afastamento da reflexão sobre os desígnios e visões de mundo que ela propõe. Para Neil Postman é preciso compreender que

A tecnologia nunca deve ser aceita como parte da ordem natural das coisas, que toda tecnologia – dos testes de QI a um automóvel, a um aparelho de tevê, a um computador – é um produto de um contexto econômico e político particular, e traz consigo um programa, uma agenda e uma filosofia que podem ou não realçar a vida e que, por conseguinte, requerem exame, crítica e controle. (POSTMAN, 1994, p. 190)

Apreende-se daí que não existe uma tecnologia neutra. Os usos que são feitos dela são condicionados pela sua forma. A introdução de diferentes técnicas também afeta processos sensoriais e cognitivos, dando ênfase a alguns sentidos e delegando uma posição secundária aos outros. É nesse aspecto que ela impõe uma ideologia.

Segundo Monclar Valverde, “o desenvolvimento da tecnologia confunde-se com a história da cultura, e esta é simultaneamente condição e efeito da própria tecnologia”. (VALVERDE, 2003, p.19). Entretanto, percebe-se em grande parte dos estudos que abordam a ideia de uma nova sensibilidade, uma dicotomia entre duas dimensões: A primeira está ligada ao pensamento de teóricos como Marshall McLuhan (2005) no qual há uma mudança no aparato sensível humano advinda da relação empreendida entre os meios de comunicação e a tecnologia que transformaria os modos de apreensão através da potencialização de determinados órgãos sensoriais. Assim, a percepção e cognição humana são reconfiguradas a partir da tecnologia. A segunda apresenta a nova sensibilidade como um produto das práticas coletivas através das quais a vida social é partilhada. Com isso, a percepção está ligada aos padrões culturais em vigência e pode sofrer mudanças a partir da reconfiguração destes modelos.

Embora as duas dimensões assinaladas não precisem ser dicotomizadas, oferecendo inclusive um caminho mais frutífero ao colocá-las como proposições complementares, o presente trabalho dará uma maior ênfase à primeira concepção através da perspectiva ecológica da comunicação. Essa vertente, representada por teóricos como Marshall McLuhan, Neil Postman, Harold Innis e Walter Ong, considera a mídia como um ambiente. De acordo com Postman (apud BRAGA, 2008, p.8) um ambiente é capaz de estruturar o que se pode ver e dizer; possui poder de atribuir papéis a serem desempenhados e determina as ações que poderão ou não ser empreendidas. Portanto, como uma metáfora da própria natureza, é o ambiente que promove as condições as quais o indivíduo deve se adaptar.



2. A reconfiguração da leitura a partir das tecnologias

Segundo Marshall McLuhan (2005), a tecnologia é uma extensão do ser humano e funciona como adaptação para o meio ambiente. O homem desenvolve a sua percepção a partir do sentido que ela potencializa. Com isso, ele considera que

O meio é a mensagem porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou uso desses meios são tão diversos quanto ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade não deixa de ser bastante típico que o conteúdo de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio. (MCLUHAN, 2005, p.23).

Ainda para este autor, a oralidade empreende a participação de todos os sentidos e com a introdução da escrita, a visão passa a ter predominância. Walter Ong considera que

A escrita, em seu sentido comum, foi e é a mais importante de todas as invenções humanas. Não é um mero apêndice da fala. Em virtude de mover a fala do mundo oral-auricular para um novo mundo sensorial, o da visão, ela transforma tanto a fala quanto o pensamento. (ONG, 1998, p. 100)

Um exemplo das mudanças ocorridas na transformação da cultura oral para a escrita pode ser encontrado nas reflexões de Walter Benjamin (1994). Para ele, as narrativas orais possuem um sentido coletivo em todos os seus aspectos. Eram contadas e ouvidas na coletividade e abriam caminho para novas histórias. Já as obras que caracterizavam o romance moderno são lineares, fechadas e voltadas para uma interioridade privada e particular. Daí ele decreta a morte do narrador por considerar que a cultura escrita pôs fim a prática das grandes narrativas orais.

Essas mudanças que Benjamin analisa são exemplos de como a materialidade³ do meio interfere na produção de sentido e até mesmo nas práticas sociais. Portanto, ao considerar as narrativas como conteúdo pode-se perceber que elas foram condicionadas pelo meio que as transmitiram.

Essa perspectiva também pode ser encontrada em Roger Chartier (1999). Para ele, há uma tendência em confundir o texto com o livro. Entretanto, ele esclarece que o livro é um suporte para o texto. Não é apenas o conteúdo dos textos que produzem sentido, mas também os aparatos materiais. Pode-se inferir, portanto, que quando o aparato material passa a ser a tela do computador, a recepção do texto também muda.

A apresentação visual de um texto e a sua configuração no espaço possuem suas próprias leis de movimento e estrutura que contribuem para um pensamento linear

³ Segundo o teórico Hans Ulrich Gumbrecht “Materialidades da comunicação são todos aqueles fenômenos e condições que contribuem para a produção de sentido, que não sejam os próprios sentidos.” (GUMBRECHT, 2004, p. 8 apud BRAGA, 2008, p.3)



predominante em toda a modernidade. A essa ideia, Vilém Flusser (2007) acrescenta que a escrita produz consciência histórica. Para ele, pensar “em linha” é encadear as idéias historicamente. Ao relacionar o conhecimento histórico e científico ao aparecimento da escrita e a prevalência do sentido da visão, pode-se deduzir que, por ser o lugar de apreensão do conhecimento letrado, o olho poderia ser considerado como uma metáfora da razão.

Apesar disso, com o declínio do iluminismo e das grandes teorias totalizantes, a escrita passa a ser associada à exclusão, a burocracia e a um regime que Michel de Certeau (1994) denomina “economia escriturística”⁴. Nesse sentido, a escrita está intimamente ligada a ideia de progresso. Ela valoriza a distância (na medida em que emissor e receptor não ocupam o mesmo espaço), a especialização e o intelecto em detrimento das emoções, do corpo e das formas de conhecimento a partir da percepção, sentido e afeto que ganham cada vez mais importância na contemporaneidade.

Umberto Eco (2003) entende que o computador seria uma revanche de Gutenberg à televisão a partir do hipertexto e da grande quantidade de textos presentes na internet. Se a materialidade do meio for considerada, é necessário ponderar esta afirmação já que o computador ao mesmo tempo em que estabelece uma relação muito forte com a visão, também possui um inegável aspecto tátil. Isso ocorre tanto a partir da interação com o teclado e mouse quanto nas experiências de jogos e realidade virtual. Nesse sentido, o computador não instaura uma relação de distância que é característica na visão. Além disso, de acordo com Paul Levinson (1999), embora a escrita seja um denominador comum no conteúdo da web, ocupando um lugar de liderança, ele é formado por todas as outras mídias, sendo também os próprios usuários, conteúdos para a internet.

Janet Murray (2003) elenca quatro propriedades dos ambientes digitais. Para a pesquisadora, eles são procedimentais pela capacidade de execução de regras não apenas exatas como também gerais incorporando aspectos comportamentais e aleatórios; são participativos, pois reagem às informações novas que são introduzidas e aí se encontra a sua capacidade interativa; são espaciais, pois apresentam um espaço metafórico navegável e são enciclopédicos devido a sua extensa capacidade de armazenamento e recuperação de dados que é potencializada pela internet.

⁴ É uma série de práticas relacionadas à escrita, que se institui como mito na sociedade ocidental, instaurando mecanismos de valorização, leis e práticas sociais que regem a sociedade, gerando exclusão e fundamentando a sociedade burguesa.

Com isso o computador não é apenas um ambiente propício a criação e compartilhamento de narrativas, como também oferece a possibilidade de implantar novas formas de narrar e difundir as histórias. A recepção também é profundamente alterada na medida em que o computador modifica as formas de sociabilidade, bem como a própria percepção e cognição do indivíduo. A possibilidade de inversão do pólo de emissão (comunicação de todos para todos), a potencialização da memória enquanto arquivo⁵ e a quebra de barreiras de tempo e espaço são essenciais na produção de sentido das obras, bem como na reconfiguração das práticas sociais, culturais e de consumo presentes na contemporaneidade.

Ao analisar a história do livro, Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1998) apontam para três revoluções da leitura⁶. A primeira é a transição da leitura oralizada à leitura silenciosa oferecendo uma ligação mais íntima e interior. A segunda é a passagem de uma relação sagrada com o livro, para algo mais livre havendo, portanto uma secularização da leitura. A terceira revolução é a leitura em suportes eletrônicos que rompe com as formas e usos tradicionais do livro.

Nota-se que as duas primeiras revoluções estão inseridas em um contexto de consolidação da era de Gutenberg. A leitura silenciosa vence os velhos hábitos da cultura oral que demandava presença. Isso não significa que o/a autor/a estava co-presente, mas sim que havia uma pessoa que lia em voz alta e outras que escutavam. Existia, portanto, um “estar junto” em comunidade para que o texto pudesse ser compartilhado. Também infere-se que o código alfabético estava sendo democratizado, prescindindo de pessoas especializadas em ler os textos em voz alta. Já a secularização da leitura instaura um processo de racionalização e especialização, além de utilizar a escrita para justificar o avanço do modo de vida burguês. Por fim, a leitura no computador estrutura novas formas de leitura e apreensão dos textos. Para Chartier (1998), uma revolução dos suportes e formas que condicionam a escrita nessa proporção só ocorreu na mudança do livro em formato de rolo – *volumen* – para o formato de caderno presentes do *códex* até os livros impressos atuais.

⁵ Em contraposição a diminuição da capacidade de memorização do humano diante do excesso de informação e da própria facilidade em transferir a memória para os aparatos técnicos, conforme previu Platão com o aparecimento da escrita.

⁶ Os autores não colocam o surgimento da prensa de Gutenberg como uma revolução, mas sim como uma transformação. Eles consideram que as estruturas essenciais do livro não são transformadas com a nova invenção já que ele possui a mesma forma de organização do *códex*. A essa interpretação de Cavallo e Chartier sobre as revoluções na leitura, pode-se acrescentar a ideia de Ong segundo o qual a escrita é a mais drástica das tecnologias, pois ela “*iniciou o que a impressão e os computadores apenas continuam, a redução do som dinâmico a um espaço mudo, o afastamento da palavra em relação ao presente vivo, único lugar em que as palavras faladas podem existir*” (ONG, 1998, p. 97).



A nova representação do escrito modifica, em primeiro lugar a noção de contexto, substituindo à contigüidade física entre textos presentes no mesmo objeto (um livro, revista ou jornal) sua posição e distribuição em arquiteturas lógicas – as que governam os bancos de dados, os fichários eletrônicos, os repertórios e as palavras-chaves que tornam possível o acesso à informação. Ela redefine também a “materialidade” das obras, quebrando o elo físico que existia entre o objeto impresso (ou manuscrito) e o texto ou textos que ele veicula, dando ao leitor, e não mais ao autor ou ao editor, o domínio sobre o contorno ou a aparência do texto que ele faz aparecer na tela. É, portanto, todo o sistema de identificação e de manejo dos textos que é transformado. (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.30)

A leitura na tela convida o leitor a uma maior participação na medida em que apresenta possibilidades de customização da aparência e do texto. Os comandos para copiar, recortar e colar, bem como a produção de novos escritos e a interação com outras pessoas no ambiente digital produzem uma maior liberdade ao leitor de se apropriar dos textos, modificando também a ideia de autoria.

Alem disso, a capacidade enciclopédica do computador não está restrita a textos escritos. Há uma profusão de imagens, vídeos e sons que o receptor mescla ao escrito, produzindo textos híbridos. Pode-se visualizar essa hibridização que caracteriza as novas formas de emissão e recepção tanto nas produções contemporâneas quanto na adaptação de produções modernas. Uma obra de Proust lida na tela do computador não é fruída da mesma maneira que no livro. A recepção ganhará aspectos da velocidade intrínsecos ao ambiente digital, assim como terá marcas da colagem e fragmentação de um leitor que certamente irá interromper a leitura para checar sua caixa de e-mail e informar aos seus amigos no *Twitter* e *Facebook* de algo que achou interessante na obra de Proust.

Alem da capacidade hipertextual, as próprias narrativas produzidas pela indústria cultural passaram a ser transmidiáticas. Elas consistem em narrativas criadas e veiculadas a partir de multiplataformas que instigam o receptor a consumir todos os seus formatos a fim de completar suas lacunas e apreender o seu sentido completamente. As escritas coletivas também são reflexos destes deslocamentos produzidos nos modos de leitura e subjetivação atual que problematizam o conceito de originalidade. A autoria passa a ser descentralizada já que o livro se transforma em filmes, jogos e seriados.

Os romances modernos também são reconfigurados nessa nova lógica. Pode-se exemplificar esse movimento a partir de obras como “Orgulho e Preconceito” de Jane



Austen. Ele é fruto de uma época em que a leitura era realizada de forma extensiva⁷ e as mulheres já possuíam uma presença marcante na literatura. A escrita na modernidade, embora, de certo modo, tenha em conta um ideal de objetividade, se constituiu como o lugar de produção do sujeito. Através do texto o homem coloca-se como sujeito de análise crítica a partir da racionalidade. Esse comportamento crítico é dado a partir de uma posição de distanciamento. A ficção seria o espaço de representação da realidade, mesmo que essa realidade estivesse enquadrada a partir do olhar do autor. Nesse sentido, havia uma preocupação não apenas em apresentar o enredo e os personagens, como também em descrever o mundo que cercava os personagens, bem como as suas características físicas e psicológicas de forma profunda.

Com o fortalecimento da cultura audiovisual a partir da televisão e do cinema e o deslizamento das produções escritas para outras plataformas, escrita e recepção são modificadas. O livro de Jane Austen citado anteriormente foi adaptado para o cinema, é discutido por seus leitores em blogs e comunidades virtuais, além de servir como base para novas histórias denominadas de *fanfictions*⁸, que consistem em produções narrativas criadas por consumidores de determinados livros, jogos, quadrinhos ou ficções seriadas a partir dos personagens e do universo ficcional apresentados em uma obra. Ou seja, o receptor se apropria da obra, criando novas histórias que muitas vezes subvertem o sentido proposto pelo autor.

Esta prática era comum nos séculos XVII e XVIII, onde escritores criavam histórias utilizando personagens de outros autores. O costume deixou de existir a partir da criação de leis de direitos autorais. Porém, no final da década de sessenta, ele volta a ganhar força com a publicação de fanzines dedicadas à veiculação de produções ligadas a ficção seriada (PUGH, 2005).

Na década de 90, com o advento da internet, as *fanfictions* se popularizaram de forma rápida. Um dos sites de *fanfics* mais populares do mundo, o FanFiction.net, possui mais de 1,5 milhões de usuários cadastrados e oferece histórias em 30 idiomas. A amplitude deste fenômeno está intimamente ligada com as novas formas de apropriação dos bens culturais que foram iniciadas a partir da reprodutibilidade técnica e da Indústria Cultural.

⁷ De acordo com Roger Chartier (1999), a leitura extensiva passa a ser praticada a partir do final do século XVIII época em que as pessoas passaram a ter grande disponibilidade de impressos.

⁸ A esse tipo de narrativa, também conhecidas como *fanfics*, Simone Pereira de Sá (2002) denomina de Criação Suplementar e Derivada.

3. Fanfictions e o deslizamento das narrativas contemporâneas

A literatura contemporânea não é produzida à distância dos outros produtos culturais. Em primeiro lugar, os próprios autores estão inseridos na cultura audiovisual (que marcou fortemente a percepção dos indivíduos) e a sua forma de escrever passa por mudanças. O ritmo da narrativa ganha velocidade e as descrições são mais modestas do que as presentes nos romances modernos.

Além disso, há constantes relações de troca e parceria que permeiam o processo de produção, onde o mercado é o grande mediador dos bens simbólicos. Essa forma de narrar que sofre intersecções dos diferentes meios, promove modulações em sua forma de modo que as grandes diferenças entre as narrativas são dadas pelo próprio suporte, ao invés de haver uma valorização da originalidade. Diante desse contexto, obras literárias de sucesso são rapidamente transformadas em filmes, séries e jogos. Desse modo, as obras sofrem um transbordamento tanto a partir das próprias empresas que promovem adaptações, releituras e narrativas transmidiáticas, bem como da recepção e dos processos de interação com a obra, como no caso das *fanfics*.

Sobre essas mudanças da literatura e dos transbordamentos da narrativa sob a ótica mercadológica, Vera Figueiredo esclarece que

A literatura entra nesse circuito e o alimenta, mas sem a proeminência de outrora, pois sua distância em relação a outros tipos de textos, anteriormente rotulados como não literários, torna-se menor, ou, dizendo de outra forma, as fronteiras do campo literário se distendem para abarcar textos que se situam na intersecção entre artes diversas, difundidos por diferentes meios, suscitando novas práticas de leitura. (FIGUEIREDO, 2010, p. 47)

Com relação à recepção, especialmente no que respeita as criações suplementares e derivadas⁹, a internet possibilita um retorno as práticas coletivas de leitura. De acordo com Pierre Bourdieu (1945), nos séculos XVII e XVIII era comum a existência de uma relação com os textos não apenas privada, mas também a partir de leituras coletivas, manipulações dos textos e elaboração em comum de escritos. Também dessa forma, muitas *fanfictions* são escritas em coletividade, as histórias originais são manipuladas não apenas a partir das diferentes interpretações dos *ficwriters*¹⁰, mas também do seu desejo de subverter o sentido proposto pelo autor. Tanto as histórias originais como as *fanfics* são discutidas através dos comentários dos leitores. Há uma grande interação entre leitor e autor não apenas a partir dos comentários, mas também nas redes sociais, *chats* e em comunidades criadas para discutir tanto a obra canônica como as histórias

⁹ Esta análise se refere as *fanfictions* baseadas em livros.

¹⁰ Nome dado aos escritores de *fanfictions*.



criadas por fãs. Como as *fanfics* são publicadas na medida em que o *ficwriter* escreve, há uma maior propensão de a história planejada ser modificada a partir das críticas e comentários dos leitores.¹¹

Apesar desse retorno a uma relação coletiva com o livro, a criação suplementar e derivada presente na internet, apresenta muitos aspectos característicos do computador, em especial a interatividade e a convergência de mídias. Portanto, não apenas o estilo da escrita é influenciado como também o próprio texto apresenta hiperlinks para músicas indicadas pelo *ficwriter* que serviriam de trilha sonora para os capítulos. Além disso, ao invés de descrições exaustivas das características físicas dos personagens ou dos ambientes, também são oferecidos *links* para fotos e imagens dos personagens. Outro aspecto do deslizamento da narrativa no ambiente digital é a presença de trailers que serviriam para divulgar a *fanfic*, misturar aspectos de diferentes produtos culturais¹² e prolongar a experiência, associando a linguagem escrita ao audiovisual.

4. Conclusão

Embora muitos exemplos apresentados sejam mais da ordem do conteúdo do que precisamente da forma, eles deixam pistas para o entendimento da mensagem proposta pelos computadores, especialmente na sua relação com a escrita. Em primeiro lugar, o pensamento deixa de ser linear e passa a ser um “campo aberto e de julgamento suspenso” (MCLUHAN, 1962, p. 367) no sentido de que não há uma busca pela verdade ou progresso que poderia ser alcançado ao fim de um caminho percorrido (assim como o produto final das esteiras mecânicas e a razão ocidental moderna). Esse tipo de pensamento favorece a ascendência das micronarrativas (ao invés das grandes narrativas históricas), bem como a produção de subjetividades que se constituem a partir da interação com o outro e nos espaços de visibilidade¹³. A quebra de barreiras espaço-

¹¹ Um exemplo disso está no seguinte recado de uma autora de fanfiction: “Me deparei com um comentário muito triste de uma leitora hoje. Aqui está ele: ‘Por favor eu comecei a ler a sua fic hoje....li na parte da tarde enquanto trabalhava e sinceramente te peço de todo o meu coração cure o Edward....eu perdi minha mãe de câncer fazem 4 meses isso é uma maldição.....faça que pelo menos as historias tenham um final feliz pois a vida real é muito mais triste do que se imagina... E parabens pela sua fic....agora virei fã...mesmo me lembrando da minha mamis e sentindo muito vontade de chorar as vezes, mas realmente espero que ele se salve mesmo sendo ele apenas um personagem.....não faça a vida dele uma realidade e sim uma fantasia....’
Desculpe....’

O comentário partiu meu coração, e em consideração à Nandasb, decidi que vou curar o Edward. Podem comemorar!” Disponível em: http://fanfiction.com.br/historia/70625/A_Beautiful_Temptation/capitulo/11

¹² <http://www.janeausstenfanfics.com.br/index.php/galeria-de-videos.html?task=videodirectlink&id=65>

¹³ De acordo com Charle Taylor (2008) as pessoas exercem a sua autenticidade e originalidade através da exibição e da interação em “espaços de display”.



temporais dissolve a oposição entre tempo livre e tempo de trabalho¹⁴ para um regime de produção constante a partir da conexão ininterrupta às redes. Outra característica da contemporaneidade que pode ser interpretada como fruto da simultaneidade da era elétrica e digital é que os remetimentos ao futuro são sempre pequenos em comparação a era de Gutenberg. Há uma valorização e aceleração do presente e uma presentificação do passado que já não é mais essencialmente narrado como uma história linear, mas sim em forma de *flashback*.

Embora haja uma maior liberdade a partir da interação e produção de conteúdo pelo indivíduo, como no caso das *fanfictions*, deve-se ter em conta que mesmo esses conteúdos servem, em última instância, à lógica de consumo ao produzir informações que serão usadas em pesquisas de opinião de novos produtos e instaurar uma relação de afetividade e identificação entre consumidor e marca. Além disso, essa produção do receptor não está na mesma posição hierárquica que os conteúdos produzidos pelas grandes empresas de mídia.

De acordo com Adriana Braga, a tecnologia “proporciona ambientes e transforma modos de interação, reformula códigos e ressignifica o campo simbólico.” (BRAGA, 2006, p. 333). Diante disso, é essencial perceber que refletir sobre a introdução das tecnologias nas sociedades a partir de uma dimensão histórica, levando-se em conta os fatores econômicos, políticos e culturais mostra-se insuficiente se a análise não incluir a materialidade dos meios.

Portanto, ao analisar as mudanças ocorridas nas práticas de leitura e na produção de sentido a partir da implementação da tecnologia (como é o caso do livro e do computador), deve-se ter como pressuposto que embora as mediações produzidas pelo indivíduo dentro do contexto social, cultural e psicológico sejam as principais bases de apreensão de uma obra, o conteúdo proposto pela tecnologia é dado *a priori*, configurando os aparatos sensoriais e a percepção do sujeito.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹⁴ Adorno e Horkheimer (1986) já colocam essa dissolução quando apresenta o conceito de Indústria Cultural que levaria a lógica industrial burguesa ao tempo de lazer do operário. Entretanto ela se amplifica com a possibilidade de se estar conectado mesmo no tempo livre.



BOURDIEU, P; CHARTIER, R. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, R. (Org). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1945.

BRAGA, A. **Feminilidade Mediada por Computador: interação social no circuito-blogue**. Tese (doutorado) em Ciências da Comunicação. São Leopoldo, PPGCC/Unisinos, 2006. Disponível em: http://ged1.capes.gov.br/CapesProcessos/926578-ARQ/926578_6.PDF Acesso em: 27/06/2011.

_____. **Ecologia da Mídia: uma perspectiva para a comunicação**. Natal, XXXI Intercom, 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0692-1.pdf> Acesso em 22/06/2011

CAVALLO, G.; CHARTIER, R. **História da Leitura no Mundo Ocidental. 1**. São Paulo: Ática, 1998.

CERTEAU, M. de. “A economia escriturística”. In: **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, R. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1999.

FIGUEIREDO, V. L. F. de. **Narrativas migrantes: literatura, roteiro e cinema**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio:7Letras, 2010.

FLUSSER, V. **O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LEVINSON, P. “Net Content”. In: **Digital McLuhan: a Guide for the Information Millenium**. London, Routledge, 1999.

McLUHAN, M. **A Galáxia de Gutenberg**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1962.

_____. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.

MURRAY, J. H. **Hamlet no Holodeck. O futuro da narrativa no ciberespaço**. São Paulo: Itaú Cultural/ UNESP, 2003.

ONG, W. “A escrita reestrutura a consciência”. In: **Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra**. Campinas: Papyrus, 1998.

POSTMAN, N. **Tecnopólio: a rendição da cultura à tecnologia**. São Paulo: Nobel, 1994.

PUGH, S. **The democratic genre: fan fiction in a literary context**. Bridgend: Seren, 2005.

RODRIGUES, J. C. “Simbolismo e Poder”. In **Comunicação e Significado**. Rio de Janeiro: Mauad X: Ed. PUC-Rio, 2006.

SÁ, S. P. **Fanfictions, Comunidades Virtuais e Cultura das Interfaces**. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/nacionais/2002/Congresso2002_Anais/2002_NP8SA.pdf Acesso em: 13/07/2011

TAYLOR, C. **Uma era secular**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2008.



VALVERDE, M. (Org). **As formas do sentido**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Jornal:

ECO, U. **Muito além da internet**. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de dez. 2003. Caderno Mais, p. 4-10. Disponível em: <http://acervo.folha.com.br/fsp/2003/12/14/72> Acesso em: 28/06/2011.

Sites:

www.fanfiction.com.br

www.fanfiction.net

www.janeaustenfancs.com.br